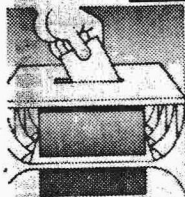


# Empresários paulistas ainda não têm candidato

Por sua juventude, o governador Collor é considerado "quase ideal" por Amato

MOURA REIS



O desejo de ver um paulista eleito presidente da República nas eleições deste ano se transformou em sonho distante dos empresários de São Paulo no momento em que a convenção do PMDB optou em Brasília pelo deputado Ulysses Guimarães. Embora o empresariado não forme um conjunto politicamente homogêneo, a ausência de uma forte candidatura paulista tornou mais distante a possibilidade de um ponderável percentual do PIB brasileiro jogar seu peso, sobretudo financeiro, num único nome.

Empresários de diversos setores admitem a atual perplexidade da classe diante do processo sucessório. Nenhum dos políticos lançados até agora preenche o perfil desejado pelos líderes empresariais: um estadista jovem, com experiência administrativa, defensor da iniciativa privada, capaz de resgatar a confiança do País com um discurso sincero e inovador, habilitado a elaborar e executar um projeto nacional de retomada de desenvolvimento e, sobretudo, de combate ao estatismo da economia e à corrupção administrativa. E bom de voto, para ganhar a eleição.

## QUASE

O governador de Alagoas Fernando Collor de Mello (PRN), o atual fenômeno nas pesquisas de opinião, atingiu o status de "quase ideal" para o presidente da poderosa Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato, "por sua juventude". Luigi Nese, presidente do Sindicato das Empresas de Processamento de Dados de São Paulo, acha "quase impossível" encontrar um candidato ideal, mas tem Collor na conta do que "mais se aproxima". Mas outros empresários — entre eles Ailton Barcelos Fernandes, presidente da Brasilconsult, empresa de consultoria de gestão — acham "um risco" o País eleger alguém "muito jovem e com pouca experiência administrati-



Amâncio Chiodi

Amato: empresários não arriscam novos investimentos

va". Barcelos teme que, se eleito, Collor repita no Brasil "desastre semelhante ao de Alan García, no Peru". Outros descartam esse risco, porque desconfiam da força eleitoral de Collor. O consultor de marketing político Nei Figueiredo, por exemplo, considera o governador de Alagoas "fenômeno passageiro".

O presidente da Fiesp não esconde certa impaciência com a falta de um candidato que transmita "total confiança" e demonstre "real capacidade" de encontrar soluções para os problemas nacionais. Mas, otimista, Mário Amato acredita no "surgimento de um candidato que se torne o denominador do País" e combata a corrupção, hoje "a maior preocupação do brasileiro", segundo pesquisas encomendadas pela entidade. Confia na eleição de um candidato "capaz de quebrar as amarras da engrenagem de Brasília" e, no campo econômico, restaurar a confiança dos empresários. Na opinião de Amato, o Brasil vive hoje "a situação difícil" de ter "um presidente sem partido, regime presidencialista e Congresso parlamentarista e uma Constituição que não entra em vigor por falta de leis complementares". Nesse quadro "os empresários não arriscam novos investimentos", constata Amato.

## MAIS UM NOME

Mais um nome Luigi Nese é outro pessimista. Acha que os

candidatos, à excessão de Collor, usam as velhas artimanhas da política, fazem discursos e elaboram planos "apenas para conquistar eleitores". Define Ulysses Guimarães como "um homem de discurso arrumado". Torce pessoalmente pelo "crescimento do nome de Afif Domingos", embora considere Mário Covas o único dos candidatos "com um programa estruturado", que, no entnato, enfrentará "muitas dificuldades para se tornar viável".

Barcelos Fernandes, quase sonhador, procura um candidato com "o perfil de um Juscelino redivivo e competência gerencial". O empresário tem JK na conta "do último grande estadista brasileiro", mas "a um custo muito elevado". O País segundo Barcelos, "precisa agora de um estadista a custos administrados". E sugere até o lançamento de um novo candidato: Osires Silva, ex-presidente da Embraer e da Petrobrás. Enquanto buscam, numa mistura de esperança e dúvida, um candidato que corresponda ao arrojado perfil almejado, os empresários revelam pelo menos um ponto comum: ninguém gosta do petista Luiz Inácio Lula da Silva. "Investe contra a iniciativa privada e não apresenta nada de novo", sentencia Mário Amato. "Continua presidente de sindicato de trabalhadores e não candidato a presidente da República, com seu discurso repetitivo", brada Luigi Nese.